

Um ano terrível

PRESIDENTE DA ABINEE ESPERA QUE GOVERNO INTENSIFIQUE A POLÍTICA DE CONCESSÕES PARA ESTIMULAR INVESTIMENTOS E GERAR OPORTUNIDADES PARA AS EMPRESAS DO SETOR.

ENTREVISTA A PAULO MARTINS

O setor eletroeletrônico brasileiro possui números respeitáveis. No ano passado, essa indústria garantiu emprego a 178 mil trabalhadores e atingiu um faturamento de R\$ 156,7 bilhões. Os investimentos totalizaram R\$ 4,1 bilhões, enquanto que as exportações chegaram a 7,3 bilhões de dólares.

Mas, tão imponentes quanto os indicadores econômicos, são os problemas que ameaçam essas empresas. É em torno dessa situação ambígua que gira esta conversa com Humberto Barbato, presidente da principal entidade do setor, a Abinee (Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica).

O executivo revela suas expectativas para o segundo mandato da presidente Dilma Rousseff - inclusive o que espera dos futuros ministros.

É preciso destacar que a entrevista foi concedida no dia 18 de novembro, quando não havia sido anunciado nenhum nome para compor o quadro ministerial no próximo ano. Barbato disse esperar que os novos ministros tenham experiência política para lidar com o Congresso Nacional e tam-



Foto: Ricardo Brito/HMNews



Humberto Barbato, president of the Brazilian Association of Electrical and Electronic Industry (Abinee) states that sector companies have been facing a hard time in Brazil. The executive hopes that the federal government intensifies the concession programs in order to help the country to solve its infrastructure problems, start growing again and create opportunities for the electro-electronic industry.



Humberto Barbato, presidente de la Asociación Brasileña de la Industria Eléctrica y Electrónica (Abinee) afirma que las empresas del sector enfrentan un momento difícil en Brasil. El ejecutivo espera que el gobierno federal intensifique los programas de concesiones con el fin de ayudar al país a resolver sus problemas de infraestructura y comenzar a crecer de nuevo y crear oportunidades para la industria electro-electrónica.

**Entrevista**

Entrevista com autoridades e profissionais do setor elétrico.

**Interview**

Interview with authorities and professionals of the electrical sector.

**Entrevista**

Entrevista con autoridades y profesionales del sector eléctrico.



bém conhecimento para administrar as pastas.

A comemorar, pouca coisa, como a prorrogação da Lei do Bem até 31 de dezembro de 2018. A medida expiraria no final deste ano e isenta de PIS/Cofins a compra de produtos como smartphones e computadores.

Já as reclamações são muitas. O porta-voz voltou a alertar que a política cambial está 'matando' a indústria e revelou dados preocupantes. Segundo Barbato, na comparação com 2013, o faturamento do setor deve registrar queda de 3%, enquanto a produção física deve cair 2,1%. Além disso, há o risco do ano terminar com 3 mil postos de trabalho a menos. O executivo classifica o ano como "terrível", para o setor eletroeletrônico. "De todos esses anos em que estou na Abinee, no meu modo de ver, 2014 foi o pior", lamenta.

Ciente de que não adianta ficar parado reclamando, Barbato adianta que pretende continuar dialogando com o governo. Além disso, o executivo deposita grande confiança no sucesso da 28ª edição da Fiee (Feira Internacional da Indústria Elétrica, Eletrônica, Energia e Automação), que será realizada em São Paulo entre os dias 23 e 27 de março de 2015. "Eu sou daqueles que acreditam que em momentos de crise é que você tem que se superar", comenta.

1 Teremos uma continuidade de governo no próximo ano. O que o senhor espera dele no novo mandato?

Há um lado positivo, quando se tem a continuidade de governo: a tendência é que os erros antigos não se repitam. A presidente Dilma precisa urgentemente fazer concessões ou privatizações para que se consigam recursos para investimentos. O orçamento público é de tal maneira engessado, e praticamente está consumido pelos gastos de custeio, que o governo não conseguirá fazer os investimentos necessários. E, sem investimentos, o País não vai crescer. Acredito que a presidente deverá perceber com muita clareza que investindo em concessões, como ela fez nos aeroportos, e em algumas outras áreas de infraestrutura, há bons resultados. Portanto, se eu tivesse que dizer alguma coisa para a presidente Dilma, eu sugeriria que ela continuasse o trabalho nessa linha das concessões, porque isso pode tirar o Brasil desse ritmo de crescimento muito baixo que o País apresenta hoje.

2 Qual sua expectativa em relação ao novo ministério que irá assumir? Qual seria o perfil ideal para os cargos?

A minha expectativa é de que a qualidade que a presidente Dilma coloque nos ministérios seja de tal ordem que o

governo consiga superar a crise de confiança pela qual ele passa no momento e que a gente possa iniciar um novo ciclo de crescimento. Que sejam nomes bem vistos, que possam tranquilizar o mercado e que tenham experiência política para lidar com o Congresso Nacional. E, ao mesmo tempo, que demonstrem conhecimento para assumir as pastas. Não adianta ser só político. No que tange à nossa área, por exemplo, é preciso ter conhecimento dos problemas da indústria para poder sentar na cadeira do MDIC (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior).

3 Qual será a postura da Abinee em relação ao governo?

A Abinee não tem motivo para agredir o governo. Vamos continuar fazendo propostas, que é o que a gente sempre fez, e que foram levadas a todos os candidatos. Vamos insistir nessas reivindicações junto à nova equipe da presidente Dilma. Eu apresentei uma série de propostas para várias pessoas do governo atual e espero efetivamente ter a oportunidade de voltar a conversar com a nova equipe e fazer sugestões da nossa área. Neste ano e no ano passado nós conseguimos estabelecer bastante diálogo com o governo. Isso não significa que o governo sempre nos ouça. Mas eu espero que o novo governo ouça um pouco mais o setor privado, até porque



ESPERO QUE O NOVO GOVERNO OUÇA UM POUCO MAIS O SETOR PRIVADO, QUE ESTÁ SENTINDO MUITO AS DIFICULDADES PARA SE PRODUIZIR NO BRASIL.

ENQUANTO O CÂMBIO ESTIVER FORA DE LUGAR NÃO VAMOS CONSEGUIR FAZER COM QUE A INDÚSTRIA ELETROELETRÔNICA VOLTE A CRESCER NO BRASIL.

o setor privado está sentindo muito seriamente as dificuldades que estão a se produzir no Brasil.

4 Recentemente a CNI (Confederação Nacional da Indústria) divulgou uma pesquisa segundo a qual a participação dos importados na indústria brasileira atingiu nível recorde. Na sua opinião, quais devem ser as medidas prioritárias para tentar ajudar esse setor?

Acho que a prioridade número um no Brasil deveria ser colocar o câmbio em um nível adequado, pois a taxa desequilibrada de câmbio mata a indústria. Pode fazer a política industrial que quiser, dar incentivo, desonerar a indústria de todas as formas, mas enquanto mantiver o câmbio fora de lugar, não vão conseguir fazer a indústria crescer e voltar a ser um ator importante no contexto econômico. E o Brasil vem convivendo com esse câmbio fora do lugar já há muito tempo, desde o início do governo do presidente Lula. À medida em que o Brasil começou a ser bem-sucedido nas suas exportações de commodities, nós passamos a ser malsucedidos em relação à nossa política cambial. Isso em função do excesso de divisas que começou a entrar no Brasil, mas também por falta de maior cuidado em relação à política cambial. Nós não poderíamos ter deixado que a moeda valorizasse tanto quanto valorizou. Evidentemente alguém tem que pagar esse preço, e esse alguém foi a indústria.

5 E qual seria o patamar mais adequado para o câmbio?
Sinceramente, acho que menos de R\$ 2,90 ou R\$ 3 por dólar é uma taxa totalmente fictícia para a situação brasileira.

6 A respeito dos pleitos que a Abinee sempre faz, tem havido alguma sinalização nova do governo? A desoneração da folha de pagamento ajudou, não? Sem dúvida nenhuma. Das medidas tomadas pelo governo, a desoneração da folha foi uma das mais importantes. Acontece que, isoladamente, essas medidas não trazem o resultado necessário.

O professor Simonsen (ex-ministro Mário Henrique Simonsen) sempre dizia: 'a inflação aleija, mas o câmbio mata'. O câmbio vem destruindo a indústria brasileira faz tempo. O que acontece hoje: temos um déficit muito grande de infraestrutura no Brasil, mais um câmbio fora de lugar. Esses dois componentes praticamente tiram nossa competitividade para exportar, e faz tempo que a gente já perdeu mercados externos. Além disso, essa situação faz com que o industrial desista de produzir aqui dentro. A gente vê a cada dia mais empresas deixando de produzir e importando seus produtos para colocar no mercado. Com o advento do fenômeno China, juntaram-se duas componentes terríveis: a falta de competitividade brasileira e a agressividade dos chineses para penetrar no nosso mercado. Nós precisamos realmente fazer a opção pela indústria. Acho que a presidente Dilma tem essa opção, no íntimo dela. Agora, o problema é o seguinte: ela pode ter essa opção, e até fazer política industrial, mas isso não irá produzir resultado se não se corrigir o problema cambial.

Foto: Ricardo Brito/HMNews



7 As últimas estatísticas da Abinee têm revelado dados bastante negativos em relação ao nível de produção e de empregos no setor. Este tem sido um ano bastante difícil nesses dois aspectos, não? Tem sim, infelizmente. Vou lhe contar uma coisa: é o primeiro ano, desde que estou na presidência da Abinee (desde 2007), que eu vejo efetivamente as importações caírem. As importações devem cair 4% neste ano. O faturamento, efetivamente, deve registrar uma queda de 3%, e a produção física deve cair 2,1%. Além disso, nós devemos terminar o ano com menos 3 mil postos de trabalho. De todos esses anos em que estou na Abinee, no meu modo de ver, 2014 foi o pior. Embora tenhamos conseguido a prorrogação da Lei de Informática e da Lei do Bem. Conseguimos coisas importantíssimas junto ao Poder Legislativo.

▼

É FUNDAMENTAL QUE O GOVERNO SEJA CAUTELOSO NA ESCOLHA DOS REPRESENTANTES DAS AGÊNCIAS REGULADORAS, SINALIZANDO QUE ELAS NÃO SERÃO UTILIZADAS POLITICAMENTE. ISSO AUMENTARIA A CREDIBILIDADE JUNTO AO INVESTIDOR ESTRANGEIRO.

E conseguimos a desoneração da folha de pagamento, também. Mas do ponto de vista de mercado, foi um ano terrível para o setor eletroeletrônico.

8 A redução do ritmo de importações é um dos indicativos do menor índice de produção de bens finais, certo?

Exatamente. Houve redução de produção, e com isso as empresas importaram muito menos componentes. Vale lembrar que a indústria eletrônica é muito dependente da importação de componentes. Foi o primeiro ano em que vi as importações caírem. O déficit da balança comercial do setor deve ser 3% menor do que em 2013. Nesses anos todos em que estou na Abinee é a primeira vez que eu vejo o déficit cair. Isso significa que o mercado diminuiu.

9 O senhor mencionou a questão da crise de confiança. Os últimos escândalos envolvendo o pagamento de propina não podem atrapalhar a estabilidade do governo e também o desempenho econômico do País?

Atrapalha sim, não posso dizer que não. Principalmente os investimentos estrangeiros, que normalmente acontecem no Brasil, ficam retraídos num momento como esse, em que esses escândalos vêm à tona. É fundamental nesse próximo mandato que o governo seja muito cauteloso na hora de escolher os representantes das agências reguladoras, para com isso sinalizar fortemente ao exterior o papel delas e que as agências não são utilizadas politicamente. Isso é muito importante para passar a credibilidade necessária para o investidor estrangeiro e deveria fazer parte do programa da presidente Dilma, que fala em 'Governo novo, ideias novas'. Ou seja, é preciso fazer um aperfeiçoamento no sentido de que as agências possam realmente ter um upgrade considerável para que o investidor do nosso setor se sintam mais confortável.



Foto: Ricardo Brito/HMNews

10 Diante desse cenário complicado, qual a expectativa em relação à realização da próxima Fiee? A feira irá ajudar a alavancar negócios no segundo semestre de 2015 ou o senhor não está tão otimista?

Eu sou daqueles que acreditam que em momentos de crise é que você tem que se superar. Inovar é a única maneira que se tem para conquistar mercado. A oportunidade que a Fiee oferece à indústria é justamente de se expor ao mercado, mostrar seu produto, suas ideias e seus diferenciais. Estamos fazendo os preparativos para a feira e estamos tendo uma boa receptividade, acredito que justamente por isso. Porque a Fiee não é uma feira institucional, simplesmente. É uma feira de negócios. O setor eletroeletrônico é muito dinâmico, tem essa característica de inovação. Essa será uma boa oportunidade e isso está claro para o mercado, considerando a demanda que estamos tendo de interessados em participar da feira. ●